



O GÊNERO CHARGE NA SALA DE AULA: ATIVIDADE DE LEITURA E INTERAÇÃO

Luiz Henrique Santos de Andrade¹
Marcos Antônio da Silva²
Géssika Cecília Carvalho da Silva³

RESUMO

Constitui objetivo nosso, neste texto, apresentar algumas reflexões sobre a prática de leitura do gênero charge em uma turma de primeiro ano do ensino médio integrado. Especificamente, de posse dos conhecimentos teóricos sobre leitura, intentamos observar se os alunos conseguem, de fato, estabelecer uma atividade de leitura do gênero charge, isto é, interagir com o texto que está lendo. A concepção de leitura adotada por nós, neste texto, é a de que a leitura é um processo de interação entre o leitor, o texto, o autor e os contextos de produção e de recepção textual. A partir das análises empreendidas, identificamos que poucos alunos conseguem, de fato, estabelecer uma relação interacional com o texto, isto é, produzir sentidos para o texto que está sendo lido, considerando que muitos alunos fizeram apenas uma leitura superficial da charge.

Palavras-chave: Charge, Leitura, Interação, Sala de aula.

1. INTRODUÇÃO

É de conhecimento de todos os docentes envolvidos no processo de ensino que a leitura é um processo extremamente importante na vida dos alunos/indivíduos, seja porque ela pode significar independência e autonomia ou porque pode ajudar a compreender melhor as outras disciplinas e, conseqüentemente, o mundo.

Assim, diante da importância que é dada à prática/atividade de leitura, constitui objetivo nosso apresentar, neste texto, uma experiência de leitura em sala de aula. Especificamente, a experiência aqui exposta diz respeito à uma atividade de leitura realizada com alunos do primeiro ano do ensino médio do curso de Agroindústria do IFAL, Campus Murici, no ano de 2019. Outras informações a respeito da metodologia aplicada serão expostas no tópico referente às análises.

¹ Doutor em Linguística pela UFPB. Professor Efetivo do IFCE – Campus Tauá, luizao_andrade2008@hotmail.com;

² Doutor em Linguística pela UFPB. Professor Efetivo do IFAL – Campus Murici, marco_sil2@hotmail.com;

³ Doutora em Sociologia pela UFPB. Professor Efetivo do IFAL – Campus Murici, gessikacecilia@hotmail.com.



Inicialmente, é importante salientar que a concepção de leitura que será adotada neste texto tem relação com os estudos mais recentes sobre a linguagem e percebe a leitura enquanto processo de interação entre o leitor, o texto, o autor e os contextos de produção e recepção de textos. Assim, teremos em mente sempre uma concepção interacionista da leitura, ainda que a decodificação seja importante e o primeiro passo a ser dado em relação à leitura, tal processo não pode ficar restrito tão somente à decodificação de letras, símbolos e imagens.

2. A ATIVIDADE DE LEITURA COMO LUGAR DE INTERAÇÃO

A prática do ensino de leitura nas escolas, mesmo diante de tantas teorias existentes e de uma enorme quantidade de trabalhos sobre o tema, ainda persiste em ser realizada de forma equivocada. Os alunos, muitas vezes, são levados a ler textos que nada têm de interessante para eles, que nada dizem sobre seu(s) universo(s). Ou seja, textos que quase sempre estão presentes nos livros didáticos e que nada têm a ver com sua(s) realidade(s).

Em relação ao livro didático, sabe-se que muitos deles são excelentes, mas muitos trazem textos incompletos, trechos, às vezes, insignificantes de poemas, entre outras questões que dificultam a realização de um trabalho produto. O maior problema se dá quando o único meio que se tem nas mãos é esse manual.

Sousa (2002, p.127), ao analisar manuais didáticos de língua portuguesa, e quanto ao ensino de língua e de leitura, constatou que esta última “[...] acaba sendo uma obrigação”, já que essa atividade é uma sequência sustentada pelo texto, sendo este utilizado tão somente como pretexto para o ensino de gramática.

Uma vez adotada essa postura diante da leitura, faz-se com que essa atividade fique restrita apenas à sala de aula.

Sobre o trabalho com o texto e sua relação com a leitura, Silva e Zilberman (2001, p.115) afirmam que:

O trabalho com o texto destina-se ao desvelamento desse, e não à sua descrição pura e simples. Assim, o desvelamento do texto, por evidenciar suas relações internas visando à comunicação e a persuasão, tem como o seu lugar na cultura e na sociedade, dessacraliza-o, transformando-se, concomitantemente, no ponto de partida para o conhecimento amplo dos mecanismos institucionais. Dessa maneira, as operações de leitura, paulatinamente vão desencadeando e expandindo, em proporção crescente, o processo de conscientização, conforme a logicidade, a integração e a coerência do currículo escolar.



Uma concepção de leitura baseada na proposta dos autores acima possibilita a transformação do indivíduo enquanto ser humano, enquanto leitor ativo, atuante e crítico, frente às exigências da sociedade, tornando-os, assim, aptos a não apenas apreender os sentidos dos textos, como também criticá-los.

Alguns autores estudiosos dessas questões concebem a leitura como uma atividade de interação. Entre eles está Orlandi (1983, p. 173) que afirma que:

A leitura é o momento da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação, aquele em que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao se constituírem como tais, desencadeiam o processo de significação do texto.

Observa-se que esse “momento privilegiado da interação” é o responsável pelos sentidos do texto, sentidos esses que só serão possíveis se/quando o leitor acessar os conhecimentos exteriores ao texto, suas vivências/experiências, suas leituras de mundo. Esse processo interacional na construção dos sentidos do texto é realizado pelos leitores através das inferências e, como sustenta Soares (1988), o lugar do leitor e sua relação com a sociedade são extremamente relevantes para a produção da significação do texto.

Consoante Dell’isola (2001, p. 224), “[...] um texto é capaz de evocar uma multiplicidade de leituras em diferentes leitores, porque cada leitor gera inferências segundo seu conhecimento de mundo”. Pode-se acrescentar à afirmação da autora que essas possíveis leituras são geradas, também, pelos diferentes objetivos e necessidades que esses leitores apresentam durante o processo de leitura.

É importante destacar, também, que as concepções de leitura e de língua que permearão a sala de aula são de extrema relevância para a realização de um trabalho/ensino eficaz de leitura, pois serão elas que guiarão o caminho correto a seguir. Conforme propõe Batista, (1991, p. 38), “[...] é de suma importância que o professor tenha em mente os processos e as tensões que marcam e marcaram o ato de ler”. Ou seja, é *mister* que o professor tenha conhecimento sobre a disciplina que leciona e que concepção de língua adotar.

Por conseguinte, entende-se que, ainda segundo esse autor, as relações entre autor, texto, leitor devem ser consideradas relevantes, quando da leitura de um texto, bem como o contexto sócio-cultural dos momentos de produção do(a) texto/leitura.

Silveira (1998), ao analisar a situação do ensino de língua, detectou que o mesmo ainda é realizado de forma tradicional, que a preocupação do professor é tão somente corrigir



os “erros” gramaticais e vocabulares dos alunos e que, em relação ao ensino da leitura, esta tem um espaço insignificante na sala de aula.

De acordo com essa autora (1998, p.136), o ensino de língua “[...] é designado geral, pois é direcionado para um aluno ideal, abstrato, com o perfil de um indivíduo douto e elegante ao falar.”. Essa prática, ainda conforme essa autora, pode ser “justificada” pela “[...] questão da clientela antes elitista e agora popular” (op. cit).

A escola, antes da democratização do ensino, era um espaço frequentado apenas pela elite, pois era pequena a parcela daqueles que tinham condições/*status* para frequentar a escola. Essa minoria elitista ia à escola com o objetivo de aprender a habilidade escrita da língua, por já dominar, muito bem, a habilidade oral, aprendida no âmbito familiar. Com o processo de democratização do espaço escolar, alunos de diferentes classes sociais começaram a frequentar o mesmo ambiente, entretanto a escola não respeitou os conhecimentos trazidos por esse novo público e continuou, portanto, seguindo com a prática do ensino da norma culta/padrão da língua.

Não obstante, parece estar-se longe de proporcionar aos alunos aquilo que propõem os documentos oficiais que regem a educação no Brasil, seja no tocante às condições (espaço físico) para a prática de leitura, com o suporte dos inúmeros gêneros textuais que circulam na sociedade, seja no que se refere à prática, já enraizada em alguns docentes, dessa atividade, buscando tão somente uma boa pronúncia das palavras e correta entonação, por parte dos alunos.

3. O GÊNERO CHARGE: ALGUMAS PALAVRAS

Devido ao curto espaço para o aprofundamento de alguns pontos, não trataremos de questões teóricas sobre a noção de gêneros textuais/discursivos, dentre eles o apresentado em nossas análises. No entanto, destacamos aqui que tomaremos a noção de gêneros conforme já indicado e compreendido por Bakhtin (2002, p. 279), em seus estudos, enquanto “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados”.

No entanto, é importante destacar que a charge é um texto multimodal, pois apresenta em sua constituição textos e imagens. Além disso, deve ser visto como um texto temporal, considerando que tem a função sempre de apresentar uma crítica sobre determinado fato social. Dessa forma, é prudente dizer que uma charge publicada, por exemplo, no ano 2010, certamente não será compreendida ou não terá sua função crítica se for lida em 2020. Além desse ponto, as charges são textos que circulam, geralmente, na esfera jornalística e, assim sendo, aborda as questões políticas e sociais de uma determinada região.



Os gêneros textuais, conforme pontua Marcuschi (2008), estão presentes na sociedade como práticas sócio-históricas, compõem-se como atividades para atuar sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. Ainda consoante esse autor, são textos orais ou escritos solidificados em situações de comunicação decorrentes. E, naturalmente, assim são as charges.

O ponto de partida para a discussão desta noção de gênero é estabelecido por Bakhtin (2002), pois, conforme o autor:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2002, p. 279).

No tocante à charge, é possível pontuar, consoante Silva (2004), que:

O termo charge é francês, vem de *charger*, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor pode-se destacar, além da charge, o cartum (satiriza um fato específico de conhecimento público de caráter atemporal), a tira, os quadrinhos e a caricatura pessoal. A charge será alvo do estudo por trazer, em uma análise superficial, implícita a história e a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia (SILVA, 2004, p. 13).

Logo, entendemos que a citação exposta anteriormente e os preceitos apresentados por Bakhtin (2002) vêm corroborar nossa fala quanto à importância desse gênero e a presença do mesmo na nossa sociedade, diariamente.

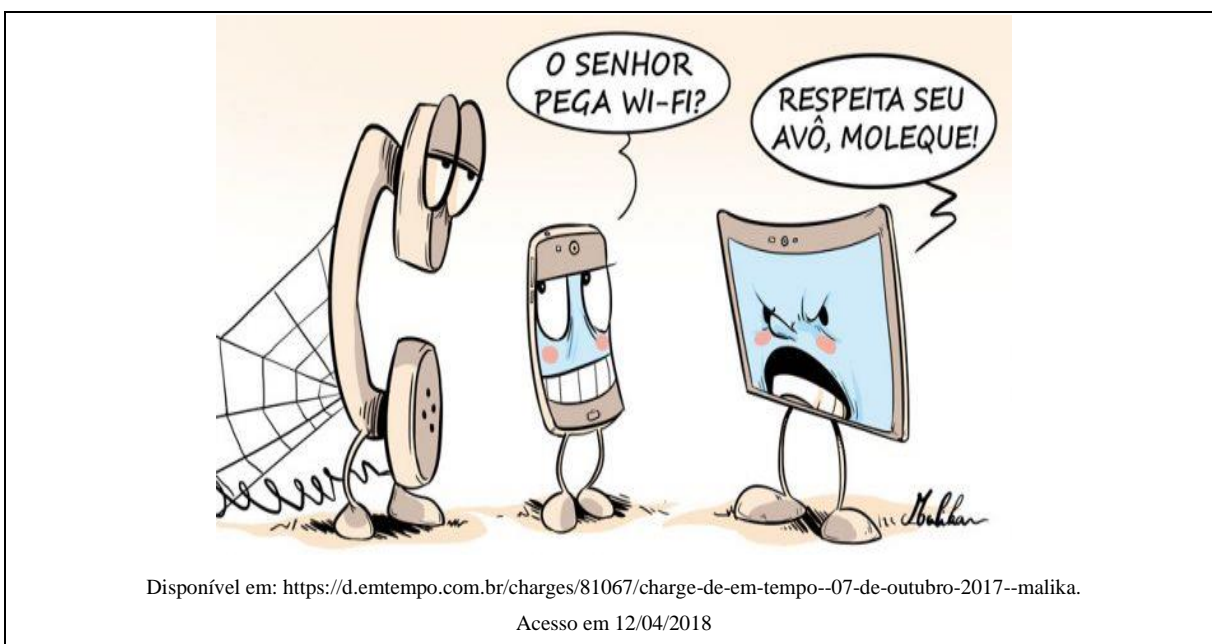


4. ANÁLISES

As análises empreendidas por nós, neste texto, terão uma perspectiva qualitativo-analítica. Assim sendo, não estaremos preocupados em quantificar as respostas, mas tão somente observar como os alunos responderam à pergunta solicitada.

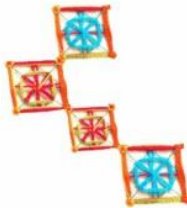
A turma na qual a atividade foi aplicada é formada por alunos egressos do nono ano. Informações como nome, idade e sexo foram desconsideradas para a nossa atividade. Na verdade, como a atividade foi realizada como forma de diagnosticar o nível de escrita e de leitura dos alunos, nosso interesse maior era o de que eles escrevessem para, posteriormente, outras atividades de resolução de determinadas dificuldades fossem realizadas, sem haver a necessidade da clássica “redação do primeiro dia de aula”.

Após a exposição da charge abaixo, foi solicitado que os alunos produzissem um pequeno texto, até oito linhas, respondendo à pergunta: “Que leitura você faz da charge?”.



Dos trinta alunos presentes, apenas dois não responderam à atividade. Dos que responderam, muitas respostas foram pequenas e muito semelhantes. Assim, entendendo que o *corpus* para análise é relativamente pequeno e que as respostas são bem parecidas, como poderemos ver a seguir, trouxemos apenas dez respostas para as nossas análises. As respostas serão identificadas, aqui, por números. Destacamos ainda que os textos não sofreram qualquer tipo de modificação.

Vejamos algumas repostas e as análises:



1 - É uma anedota, pois mostra um celular de antigamente sofrendo bullying do celular de hoje em dia, que é mais atualizado que o de antigamente. E o jornal mandando o celular de hoje em dia respeitar o seu avô que no caso é o celular mais antigo.

2 – O novo provocando o anterior.

3 – Que as coisas evoluem, mas continua sendo útil, mesmo com outras inovações.

4 – Porque o celular novo é mais moderno e o antigo não chega perto.

5 – Uma leitura irônica, pois o celular pergunta ao telefone antigo se ele pega *wi-fi*, sendo que naquele tempo não existia *wi-fi* e dá pra vê que é um telefone antigo, pois o computador pede para o celular respeitar o seu avô.

6 – Que a população atual (que é composta pela maioria jovem) não tem tanto respeito com os seus antepassados.

7 – Uma geração de celular que ao passar do tempo vai mudando aos poucos.

8 – Que a tecnologia de hoje em dia tira onda com a antiga.

9– Observamos uma charge engraçada, na qual há um diálogo entre celulares de diferentes épocas.

10 – A charge apresenta o avanço da tecnologia.

Com base nas respostas dos alunos, é possível pontuar algumas considerações: poucos alunos conseguiram escrever mais de quatro linhas; as respostas, geralmente, apenas descreviam o que estava sendo visualizado na união do texto com a imagem; poucos alunos conseguiram estabelecer relações mais profundas com a imagem lida, como é o exemplo dos alunos 10, 9, 8, 7, 2 e 4.

Os alunos 6 e 5 ainda tocam na questão da falta de respeito que existe entre as pessoas mais novas em relação aos idosos; enquanto o aluno 1 faz relação com a questão do *bullying* que o celular antigo sofre por não ter *wi-fi*, quando comparado com os aparelhos mais modernos. O aluno 3, de maneira indireta, ainda toca na questão do respeito, visto que não é porque as pessoas ficam velhas (ou os celulares ficam antigos) que eles deixam de ter alguma utilidade.

No geral, as respostas foram semelhantes às dadas pelo aluno 10. Isso significa dizer que, nesta atividade específica, poucos alunos conseguiram, por meio da leitura, produzir sentidos para o que estava sendo lido. Em outras palavras, o número de alunos que conseguiu ativar conhecimentos externos ao texto e, com eles, traçar relações de sentido foi muito pequeno. Esse fato é muito preocupante, pois deixa relevar, de alguma forma, a condição, enquanto leitor, como os alunos concluem o nono ano do ensino fundamental.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário destacar, após a realização de nossas análises, o quão importante precisa ser o trabalho com a leitura em sala de aula, não apenas nas atividades de Língua Portuguesa, mas em todas as outras, pois sabemos que o aluno que consegue ler de forma efetiva um texto, certamente entenderá e conseguirá resolver questões de Física, Matemática e outras disciplinas.

Percebemos, também, que é extremamente importante que o professor saiba que concepção de leitura e de língua ele está utilizando em sala de aula, pois dessa concepção é que dependerão as atividades de leitura que irão ser desenvolvidas e proporcionadas aos alunos.

A atividade, com o objetivo de diagnosticar o nível de compreensão de leitura dos alunos realizada por nós, demonstrou que tal nível ainda ocorre de forma muito superficial e que, por esse motivo, medidas precisam ser tomadas para que as dificuldades sejam solucionadas e as estratégias de leitura sejam possibilitadas.

Entendemos, dessa forma, que um trabalho efetivo com a leitura deve propiciar ao aluno uma maior interação com o texto que está sendo lido, possibilitando-lhe não apenas uma mera decodificação de signos, mas a percepção de toda a intencionalidade que está - explícita ou implicitamente, por meio de elementos ativadores de pressuposição - marcada no texto.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BATISTA, Antônio A. G. Sobre Leitura: Notas para a concepção de uma leitura de interesse pedagógico. In: **Em Aberto**, Brasília, ano 10, n-52, out/dez, 1991.
- DELL'ISOLA, L.P. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Leitura: produção interacional de conhecimentos. In: BASTOS, Neusa Maria Barbosa. (Org.) **Língua Portuguesa - História, Perspectivas, Ensino**. São Paulo: Cortez, p. 135-152, 1998.
- SOARES, Magda Becker. As condições sociais de leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, p. 18-29, 2001.
- SILVA, Carla Letuza Moreira e. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

SOUSA, Maria Ester Vieira de. **As surpresas do previsível no discurso de sala de aula.**
João Pessoa: Editora Universitária, 2002.